

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Benjamin Reiners direção musical
Júlia Pusker violino

21 fev 2025 · 21:00 Sala Suggia

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Piotr Ilitch Tchaikovski

Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 35 (1878; c. 35min)

1. Allegro moderato — Moderato assai
2. Canzonetta: Andante —
3. Finale: Allegro vivacissimo

2ª PARTE

Richard Strauss

Morte e Transfiguração, op. 24 (1888-89; c. 25min)

As Travessuras de Till Eulenspiegel, op. 28 (1895; c. 15min)

GRANDES CONCERTOS DE TCHAIKOVSKI

Próximo — 8 março — Concerto n.º 1 para piano

Nota: um travessão (—) após o título de um andamento significa que a música segue sem interrupção para o andamento seguinte.

Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSK, 1840 – SÃO PETERSBURGO, 1893

Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 35

Piotr Ilitch Tchaikovski evidenciou-se sobretudo pelo contributo que forneceu para a tradição ocidental da música sinfónica, tendo desenvolvido um estilo pessoal que conciliava influências múltiplas. Mas no catálogo da sua música orquestral destacam-se também as criações no âmbito do repertório com solista e orquestra. No Verão de 1877, depois do traumático colapso do seu então recente casamento com Antonina Miliukova e de uma tentativa de suicídio falhada, o compositor deixou Moscovo e instalou-se com o seu irmão em São Petersburgo, trabalhando, no Outono e no Inverno, na sua Sinfonia n.º 4 e na ópera *Evgeni Onegin*. Na Primavera seguinte, após uma passagem por Itália, e beneficiando de avultado apoio financeiro concedido pela mecenas Nadezhna von Meck, que pretendia auxiliar na sua recuperação psicológica, decidiu mudar-se temporariamente com o irmão para Clarens, localidade às margens do Lago Genève, na Suíça. De visita esteve também o jovem violinista Yosif Kotek, antigo pupilo que aprofundava os seus estudos em Berlim com o célebre Joseph Joachim. Entre as várias leituras conjuntas que fizeram do repertório violinístico, a *Sinfonia Espanhola* de Lalo terá despertado especial interesse de Tchaikovski, motivando-o a escrever o seu próprio concerto e contando com a colaboração do músico em questões específicas da técnica do instrumento. A composição daquele que seria o seu Concerto para violino e orquestra em Ré maior, op. 35, foi então iniciada a 17 de Março de 1888, e o trabalho criativo decorreu com tal fluência que ficou concluído em apenas



quatro semanas, pelo final de Abril. Entretanto, dadas as reservas de Kotek, o segundo andamento (“Méditation”) acabaria por ser substituído por um outro (“Canzonetta”), escrito num único dia, sobrevivendo a música original como uma das três peças para violino e piano *Souvenir d’un lieu cher*, op. 42.

Tal como sucedia no Concerto para piano n.º 1, op. 23, composto três anos antes, esta é uma obra que se move facilmente entre uma variedade de atmosferas expressivas, passando pelo lírico, pelo dramático, pelo folclórico e pelo sentimental, e explorando uma escrita virtuosística que não exclui a profundidade emocional. Mas quando Tchaikovski solicitou a opinião do violinista Leopold Auer, amigo que dirigia o departamento de violino no Conservatório de São Petersburgo, para quem o concerto tinha sido concebido, este considerou-o inabordável, e a estreia da peça só teria lugar daí a três anos, a 4 de Dezembro 1881, com o seu antigo colega do Conservatório de Moscovo Alfred Brodski, que fazia o seu *début* com a Orquestra Filarmónica de Viena, sob a direcção de Hans Richter. Alguma crítica negativa na

imprensa musical veio acentuar as tendências depressivas do compositor, mas o facto é que Auer viria mais tarde a olhar de outra forma para as novas exigências técnicas idiomáticas que a obra comportava, advogando-a junto dos seus discípulos.

O primeiro andamento, “Allegro moderato – Moderato assai”, abre tranquilamente com alguns compassos introdutórios dos primeiros violinos, numa comovente atmosfera de inocência. Sobre um acompanhamento simples, o solista apresenta então o tema principal, *cantabile*, que gradualmente é elaborado com a colaboração da orquestra. Depois de passagens de escrita virtuosística é enunciado um novo tema, em Lá maior, igualmente calmo e expressivo, sendo notavelmente incomum esta ausência de contraste em relação à ideia anteriormente ouvida. A atmosfera intensifica-se gradualmente, alcançando um imponente ponto culminante em que o tema principal é tocado heroicamente pelo *tutti*. Partindo daí, o desenvolvimento lança-se num complexo percurso harmónico cromático que acaba por se deter em Dó maior, tonalidade em que o solista explora o primeiro tema numa variação delicada, antes de um novo *tutti* majestoso em torno dessa ideia levar a uma fogaosa cadência do solista. A reexposição recupera o tema principal em Ré maior e, depois de transposto o segundo tema para essa mesma tonalidade, a música dirige-se para uma coda, cada vez mais apressada e impetuosa, em que o solista e a orquestra se digladiam com grande vivacidade.

Segue-se a “Canzonetta: Andante”, uma pequena canção concebida numa estrutura ternária simples (ABA), que contrasta bastante com o carácter dos andamentos que a enquadram. Uma breve passagem introdutória das madeiras, à maneira de um coral, prepara a cena para a apresentação de um primeiro

tema, em Sol menor, pelo violino solista, uma melodia a um só tempo doce e melancólica envolvida numa textura despojada. A orquestra intervém num curto interlúdio, o qual conduz a uma secção um pouco mais luminosa, em Mi bemol maior, antes de, numa última secção, as madeiras recordarem o material do início. Sem pausa, este “Andante” desvanece-se no início do andamento seguinte.

O “Finale: Allegro vivacissimo”, estruturado como um rondó simples, atea de imediato uma corrida audaciosa, plena de acrobacias arriscadas, que inclui muitas das dificuldades técnicas que inicialmente atordoaram Leopold Auer, ao requerer nomeadamente incrível exactidão em escalas velozes, notas duplas e saltos perigosos. Após uma animada introdução orquestral, o violino solista começa por se apresentar à maneira de uma cadência, quase em estilo de improvisado, tomando então para si, num tempo veloz e com o acompanhamento da orquestra, o dançante tema principal em Ré maior. Num episódio algo mais tranquilo, *poco meno mosso*, é introduzida uma nova ideia, em Lá maior: uma melodia expressiva inspirada no folclore russo, à qual não falta o acompanhamento de um bordão, que contribui para o seu cariz rústico. Depois de elaborada num diálogo melancólico com os sopros, como se de uma cena de *Evgeni Onegin* se tratasse, o solista acelera pouco a pouco para retomar o tema principal em Ré maior, que então elabora com figurações virtuosísticas. Sucede-lhe novo episódio contrastante, baseado na referida melodia folclórica, mas agora em Sol maior. A sua elaboração melancólica conduz novamente ao regresso do tema principal, que desta feita desemboca numa coda crepitante, altamente virtuosística, encerrando a obra com grande brilhantismo.

Richard Strauss

MUNIQUE, 1864 – GARMISCH (ALPES BÁVAROS), 1949

Morte e transfiguração, op. 24

As Travessuras de Till Eulenspiegel, op. 28

Richard Strauss viveu uma longa e prolífica carreira, estabelecendo-se rapidamente como o mais importante compositor alemão após a morte de Wagner e Brahms. Em 1885 resolveu abandonar o conservadorismo que marcara a sua primeira fase criativa, encetando a composição de uma série de poemas sinfónicos bastante ambiciosos. De facto, a sua produção neste domínio eleva a invenção de Liszt ao ponto culminante, expandindo as potencialidades expressivas e descritivas da música programática, e aliando-as a uma exploração virtuosística dos efeitos orquestrais que marca a orquestra sinfónica pós-wagneriana. É igualmente notável a sua capacidade de manipulação da forma e da transformação temática, bem como a complexidade harmónica, contrapontística e textural.

Depois do sucesso das suas primeiras tentativas neste campo (*Aus Italien*, op. 16; *Don Juan*, op. 20; e *Macbeth*, op. 23), Strauss aventurou-se numa reflexão musical sobre uma questão existencial universal: o mistério da morte e daquilo que estará para além dela. Trata-se do poema sinfónico ***Morte e transfiguração***, op. 24, composto entre o Verão de 1888 e o final de 1889, que seria estreado a 21 de Junho de 1890, no Festival de Eisenach, sob a direcção do autor. Naquela que era a sua obra mais ambiciosa até à data, Strauss procurou, segundo as suas próprias palavras, “apresentar as últimas horas de um homem que se esforçou pelos mais elevados objectivos idealistas, talvez até mesmo os de um artista”, criando toda uma narrativa puramente musical, de extraordinária



exigência técnica para a orquestra, que descreve de modo brilhante os estados fisiológicos e psicológicos que acompanham o momento da morte. Depois da composição da música, solicitaria ao amigo e poeta Alexander Ritter que elaborasse um texto descritivo da peça, no sentido de auxiliar a compreensão do ouvinte. A primeira parte, “Largo”, inicia-se com um motivo rítmico suavemente pulsante, como que evocando o batimento cardíaco ou a respiração irregular de um moribundo no seu leito de morte. Sucedem-se lentamente diferentes harmonias, que pressagiam a aproximação do desfecho inevitável, enquanto melodias melancólicas, em solos das madeiras e dos violinos, trazem reminiscências benévolas. Uma intervenção assustadora dos tímpanos interrompe subitamente a tranquilidade, lançando uma segunda parte, “Allegro molto agitato”, em que o sofredor desperta atormentado pelas dores

da agonia. O ritmo sincopado dos compassos de abertura surge agora intensificado, integrado numa textura complexa, desenrolando-se o conflito entre os materiais motivicos relativos ao destino sofrido e ao ardor das aspirações juvenis, até que este verdadeiro turbilhão orquestral cede lugar a um primeiro vislumbre, na eloquência dos metais, do tema da transfiguração. Numa terceira parte, “Meno mosso”, o protagonista revive então, de forma emocionante, uma torrente de memórias, na sua luta entre a vida e a morte. Um tema suave, oriundo da introdução lenta, leva os seus pensamentos a vagar pela infância, uma fanfarrinha para trompas e madeiras recorda os tempos da juventude destemida, e uma expressiva e apaixonada melodia nos violinos fá-lo reviver os mais intensos sonhos de amor, numa cena que logo se começa a confundir com os motivos do sofrimento presente, envolvendo uma escrita orquestral de grande complexidade. Na secção final, “Moderato”, o toque do gongo faz desaparecer todo o sofrimento e permite a revelação do tema da transfiguração em toda a sua plenitude, no momento em que a alma desencarna gloriosamente para realizar na eternidade o ideal artístico que não pôde concretizar em vida.

Em 1884, na sequência do fracasso da sua ópera *Guntram*, a temática de Till Eulenspiegel tinha despertado o interesse do compositor para nova tentativa nesse âmbito, interesse que acabaria por resultar antes no poema sinfónico *Till Eulenspiegels lustige Streiche*, op. 28, composto entre 1894 e 95. A obra narra as travessuras e contratempos de Till Eulenspiegel, uma figura (possivelmente imaginária) que se dedicava à provocação sardónica dos hábitos viciosos e convenções da sociedade, em torno da qual surgiu, desde o século XIV, toda uma série de contos picarescos que obtiveram

grande popularidade na Europa Central. Inicia-se com um brevíssimo prólogo (como que anunciando “era uma vez...”), sucedendo de imediato a primeira travessura (e gargalhada) do protagonista: a trompa expõe um primeiro tema, que representa a sua natureza recalcitrante e que ressurgirá sob diversas feições, e o clarinete apresenta um segundo tema de cariz malicioso, também recorrente ao longo da narrativa. O compositor procede então, nos episódios de uma forma rondó em larga escala, com a descrição das travessuras perpetradas por Till Eulenspiegel, como sejam a perturbação que causa num mercado, a provocação de membros do clero (representados pelas violas), a perseguição e tentativa de sedução de uma donzela (o tema amoroso surge nos violinos), bem como o escarnecimento dos académicos (figurados nos fagotes). No momento em que a música atinge um ponto culminante, a atmosfera altera-se abruptamente para uma marcha fúnebre, que representa a captura do protagonista, a condenação à morte e a sua marcha para o patíbulo. Este continua a responder às acusações dos trombones com o motivo insolente no clarinete, não conseguindo evitar o enforcamento, cuja descrição musical é extraordinariamente realista. Tal como assegura a lenda, o final da obra vem sugerir que, mesmo após a morte, o espírito de Till Eulenspiegel continuará a atormentar os seus inimigos.

LUÍS M. SANTOS, 2025*

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Benjamin Reiners direção musical

Benjamin Reiners é um dos mais conhecidos e talentosos maestros da sua geração. É muito requisitado pelas principais salas de concerto e de ópera, bem como pelas grandes orquestras sinfônicas internacionais. O trabalho que desenvolve levou-o já a conceituadas instituições, como a Ópera Alemã de Berlim, Ópera Alemã do Reno, óperas de Frankfurt, Leipzig e Graz, teatros estaduais de Nuremberga e Darmstadt, Orquestra Sinfônica do Porto Casa da Música, Orquestra Estatal de Weimar, Orquestra Beethoven de Bona, Filarmónica de Duisburg, Orquestra da Konzerthaus de Berlim, Orquestra Estatal da Renânia-Palatinado, Orquestra de Câmara de Württemberg de Heilbronn e Orquestra da Rádio de Munique.

A notável carreira que desenvolve no âmbito da ópera leva-o a trabalhar frequentemente com algumas das mais prestigiadas instituições. Depois de um compromisso inicial com o Teatro Estatal de Gärtnerplatz, foi mestre capela na Ópera Estatal de Hanôver, vice-diretor diretor musical geral no Teatro Nacional de

Mannheim e, de 2019 a 2024, diretor musical geral da capital estatal Kiel.

Na temporada 2025/26, Benjamin Reiners vai tornar-se maestro titular da Philharmonie Robert Schumann e diretor musical geral do Teatro Chemnitz. Além disso, é o maestro convidado principal do Collegium Musicum de Basileia. Tem desenvolvido projetos com a Philharmonie Robert Schumann e da sua agenda fazem parte regressos à Ópera Alemã do Reno e à Ópera de Frankfurt.

O carismático maestro é conhecido pelo seu vasto repertório, que abrange diferentes épocas, assim como pela sua singular capacidade de dirigir grandes produções de ópera sem ensaios prévios ou recuperá-las com preparação mínima, mantendo os mais elevados níveis artísticos. Foi o responsável pela estreia de várias obras contemporâneas. Com a sua ampla gama de estilos, criatividade e espírito aventureiro, Benjamin Reiners deixa uma impressão duradoura tanto no campo operático, como no âmbito dos concertos, definindo marcos artísticos de excelência.

Júlia Pusker violino

Nascida numa família de músicos húngaros, Júlia Pusker iniciou a sua formação musical na Academia Franz Liszt de Budapeste. Prosseguiu-a na Royal Academy of Music de Londres, com György Pauk, onde concluiu um mestrado com distinção, em 2016. Entre 2016 e 2021, foi artista residente na Chapelle Musicale Reine Elisabeth, em Bruxelas, e trabalhou com Augustin Dumay.

A carreira internacional da violinista foi lançada a partir da sua prestação premiada na edição de 2019 do Concours Reine Elisabeth de violino em Bruxelas. Conquistou vários outros galardões, tais como o Prémio Junior Prima e o Prémio do Festival Oziffra, que distinguem os melhores jovens músicos da Hungria. Tem-se apresentado em concerto com formações como a Orquestra Nacional Belga, a Orquestra Filarmónica de Bruxelas, a Orquestra de Câmara Franz Liszt, a Orquestra Filarmónica Nacional Húngara e os London Mozart Players.

Júlia Pusker foi escolhida para o programa “Rising Stars” da European Concert Hall Organization (ECHO), na temporada 2023/24, tendo realizado recitais a solo em algumas das mais prestigiadas salas de concerto da Europa, entre elas a Philharmonie de Colónia, Casa da Música, Concertgebouw de Amesterdão, Elbphilharmonie de Hamburgo, Festspielhaus de Baden-Baden, Konzerthaus de Dortmund, Konserthuset de Estocolmo, Sage Gateshead, Théâtre des Champs-Élysées em Paris, Konzerthaus de Viena e Müpa Budapest. Tem participado em importantes festivais, incluindo o Festival de Besançon, IMS Prussia Cove, International Holland Music Sessions, Academia de Kronberg e Academia do Festival de Santander. Em música de câmara, trabalhou com artistas como Kristóf Baráti, Frank Braley, Gautier Capuçon, Gary Hoffman, Tommaso Lonquich, Jean-Yves Thibaudet e István Várdai.

Na sua discografia inclui-se o Concerto para violino n.º 2 de Eric Tanguy, com a Jyväskylä Sinfonia dirigida por Ville Matvejeff, e o álbum *Schubert on Violin* com Zoltán Fejérvári.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vasily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Sylvain Cambreling, David Robertson, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt. Tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Colónia, Munique, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e Vasco Mendonça.

A presente temporada explora os cruzamentos de linguagens, das raízes ibéricas ao romantismo tardio de Wagner e Mahler, dos grandes sinfonistas russos a uma estreia da Sofia Gubaidulina, da sensibilidade ecológica de Liza Lim (Compositora em Residência 2025 com a estreia nacional do *Tríptico da Anunciação*) ao orientalismo de um concerto para gamelão de James Tenney. Somam-se

ainda referências à música de dança (Gabriel Prokofiev), ao jazz (Igor C Silva), à poesia persa medieval (Szimanowski) e à cultura eslava (*Missa Glagolítica* de Janáček). Ao longo do ano, merece destaque a comemoração dos 25 anos da formação sinfónica da Orquestra e um ciclo dedicado aos Grandes Concertos de Tchaikovsky, contando com os solistas convidados Júlia Pusker (violino), Yeol Eum Son e Claire Huangci (piano), e Pavel Gomziakov (violoncelo).

As últimas temporadas foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofiev, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 celebrou os 50 anos do 25 de Abril com a estreia mundial de uma encomenda a Daniel Moreira, num ano em que apresentou novas obras de Luís Tinoco e António Pinho Vargas, mas também música portuguesa de outras épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça e vários títulos de Emmanuel Nunes.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Jorman Torres
Roumiana Badeva
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
José Despujols
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Maria Kagan
Alan Guimarães
Matilda Mensink*
Pedro Carvalho*
José Pedro Rocha*

Violino II

Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Pedro Rocha
Mariana Costa
Tatiana Afanasieva
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Emília Alves
Hazel Veitch
Anna Gonera
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Carolina Palha*
Teresa Macedo Ferreira*
Rita Barreto*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Tiago Mendes*
João Cunha
Tiago Silva*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Alexander Auer
Angelina Rodrigues
Ana Pinho*

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Pedro Silva*
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Robert Glassburner
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Diogo Andrade*
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilária Vivan
Erica Versace*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Rui Pinto Leite

Palco

Carlos Almeida
Fernando Gonçalves
José Torres
José Vilela

Próximos concertos

22.02 SÁB 10:30 E 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Showficina Lúdica

serviço educativo | oficinas do dia

Lúdica Música! formadores

23.02 DOM 10:00, 11:30 E 16:00 SALA 2

Tom Afro Tom

serviço educativo | primeiros concertos

Joaquim Alves e **Tiago Oliveira** conceção artística e interpretação

Belmira Paulo, **Rui Vilhena** e **Tamy Rodrigues** interpretação

25.02 TER 21:00 SALA SUGGIA

Lukas Sternath

ciclo piano

Obras de **Sofia Gubaidulina**, **Johannes Brahms**, **Patricia Kopatchinskaja** e **Franz Liszt**

27.02 QUI 21:30 CAFÉ CASA DA MÚSICA

Tomás Meirelles

28.02 SEX 21:30 SALA 2

Future Jazz 2025

serviço educativo | nossos concertos

Alunos de escolas vocacionais de música interpretação

01.03 SÁB 21:30 SALA 2

Future Rocks 2025

serviço educativo | nossos concertos

Alunos de escolas vocacionais de música interpretação

02.03 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

Disomnário

serviço educativo | primeiras oficinas

Joana Araújo e **Tiago Oliveira** formadores

02.03 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Concerto de Carnaval

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Cláudio Ferreira direção musical

Obras de **Gioachino Rossini, Carl Nielsen, Hector Berlioz, Ruggiero Leoncavallo, Camille Saint-Saëns, Jacques Offenbach e Bedřich Smetana**

02.03 DOM 20:00 SALA 2

Godspeed You! Black Emperor

promotor: Amplificasom

08.03 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

Tchaikovski, primeiro concerto

mulheres na música | grandes concertos de Tchaikovski

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Ustina Dubitsky direção musical

Yeol Eum Son piano

Obras de **Piotr I. Tchaikovski, Lili Boulanger e Leoš Janáček**

08.03 SÁB 21:00 SALA 2

XX

mulheres na música

Digitópia

Stephanie Wagner flauta

Sofia Costa percussão

Francisca Martins live act

Obras de **Kaija Saariaho, Daphne Oram, Unsuk Chin, Delia Derbyshire e Ema Ferreira**

09.03 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

Disomnário

serviço educativo | primeiras oficinas

Joana Araújo e Tiago Oliveira formadores

09.03 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Cruzamentos Improváveis

Coro Casa da Música

Florian Helgath direção musical

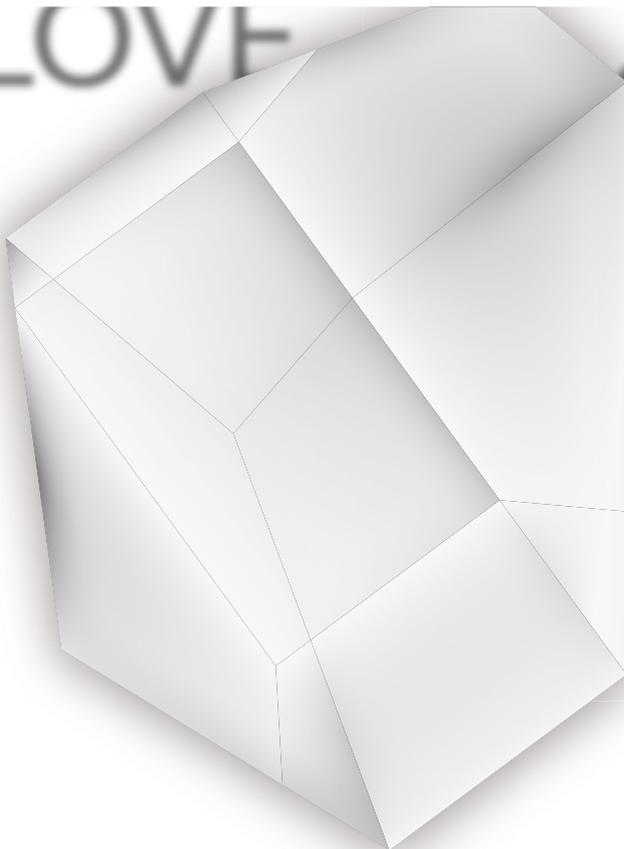
Filipe Quaresma violoncelo

Obras de **Johann Sebastian Bach, Caroline Shaw e Knut Nystedt**

MÚSICA

I LOVE

CASA DA



AMIGO DA CASA

"I love Casa da Música. Thank you!"

— Lou Reed

Mensagem dedicada no Livro de Honra após o concerto de abertura da Casa da Música (14-04-2005)

Ao tornar-se um Amigo, desfrutará de experiências únicas, benefícios exclusivos e acesso privilegiado a um mundo de música e cultura.

anos
casa da música

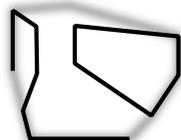
temporada2025.casadamusica.com/ +351 220 120 220

APOIO INSTITUCIONAL



Porto.

MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

